

**A crônica de Dinah Silveira na rádio dos anos 60:
um painel de temas entre o jornalismo e a literatura¹**

Cláudia de Albuquerque Thomé²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Soma de jornalismo e literatura, a crônica é um gênero híbrido que nasceu nas páginas dos jornais, redigida por intelectuais, dentro da lógica de produção industrial, antes mesmo das primeiras experiências radiofônicas. Nos meios eletrônicos, manteve a linguagem coloquial, o texto breve, em uma narrativa rápida, caracterizada por sua oralidade, já presente nos textos impressos. Essa oralidade fez com que a crônica chegasse ao rádio pronta para ser veiculada. O presente trabalho, fruto de pesquisa sobre o gênero, se propôs a apresentar crônicas de Dinah Silveira de Queiroz que foram veiculadas nas rádios MEC e Nacional na década de 60, acendendo o holofote para temas recorrentes à época, sobretudo a temática feminina registrada e até mesmo antecipada pela cronista nas ondas do rádio.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; rádio; jornalismo; personagens; feminino

1. Introdução

Um fato inusitado, a percepção sobre algo ocorrido ou apenas uma sensação momentânea. Registros como esses, que poderiam ser considerados menores em importância, têm valor inestimável na construção da memória de uma nação e no resgate de sua história. A crônica surge nas páginas da imprensa ainda sob o comando de literatos e intelectuais, mas foge de qualquer necessidade de provar valor estético ou o rigor da narrativa dos jornais.

O gênero, que tem como referência a carta de Pero Vaz de Caminha, à época do descobrimento do Brasil, no entanto, apresenta sua força a partir do século XIX, com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil e a fundação da Imprensa Régia no país.

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo (GP Gêneros Jornalísticos) do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Foz de Iguaçu, PR, realizado de 2 a 5 de setembro de 2014.

²Professora da Faculdade de Comunicação da UFJF, colaboradora do PPGCOM/UFJF e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura (UFJF), e-mail: cthomereis@gmail.com

Soma de jornalismo e literatura, na definição de Jorge de Sá (2005), a crônica sofre forte influência dos folhetins impressos na segunda metade do século XIX e chega ao rádio e à televisão no século XX. A crônica, no entanto, se filia ao gênero jornalístico e se diferencia dos folhetins, mais ancorados na ficção. Escritos em capítulos e sem vínculos com o noticiário, os folhetins migraram para outros veículos dando origem às radionovelas e às telenovelas.

No rádio e na televisão, as crônicas, escritas para serem lidas em um só dia, mantiveram a linguagem coloquial, o texto breve, em uma narrativa rápida, caracterizada por sua oralidade, já presente nos textos impressos em jornais. Podem tratar de um fato jornalístico, apresentar um comentário sobre algum acontecimento ou criar personagens fictícios para contar uma história.

No rádio, essa literatura de ouvido fez enorme sucesso e se tornou uma estratégia para garantir audiência à Rádio Ministério da Educação e Cultura que, na década de 60, lançou o programa Quadrante, reunindo uma equipe de sete cronistas: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. A cada dia da semana uma crônica era lida e interpretada na rádio por Paulo Autran.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de Doutorado sobre crônicas veiculadas no rádio de 1951 a 1964, em que foi possível detectar a forma como o gênero transita entre o jornalismo e a literatura, em registros e comentários sobre fatos do cotidiano brasileiro. Neste contexto, o presente artigo propõe uma reflexão sobre as crônicas de Dinah Silveira de Queiroz que foram escritas para serem lidas no rádio, na década de 60. Casada com um diplomata, a escritora e jornalista foi morar em Moscou e, de lá, escrevia textos diários para rádios e jornais brasileiros, como a Rádio Nacional, a Rádio Ministério da Educação e o Jornal do Commercio. Que informações e sentimentos devem carregar os textos escritos pela cronista que, do exterior, sentia que precisava enviar alguma contribuição a seu país? Algumas dessas crônicas foram depois reunidas e publicadas no livro *Café da Manhã* (1969).

A função de cronista veio depois da consagração da escritora em romances, novelas e contos. Aos 29 anos, Dinah escreveu seu primeiro livro, o romance *Floradas na Serra*, com o qual foi premiada pela Academia Paulista de Letras. É autora ainda de *A Muralha*, romance histórico de 1954, ano em que recebeu o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira.

A breve biografia da autora publicada no livro *Quadrante 2*, que reúne crônicas lidas na Rádio MEC, registra sua trajetória e a apresenta como cronista de jornais impressos. As crônicas escritas para serem lidas no rádio são citadas como colaborações da escritora para a Rádio Ministério da Educação e para a Rádio Nacional.

Estas “colaborações”, no entanto, merecem mais do que uma citação biográfica. São textos em que Dinah comenta fatos da semana, referindo-se ao noticiário, e dando a ele o tom de conversa. Seu olhar feminino sobre notícias trágicas e sua forma de narrar estes acontecimentos chamam a atenção e explicam a audiência do programa *Quadrante* à época. Além disso, é interessante destacar que a autora escrevia as crônicas sobre a cidade morando no exterior, como se buscasse neste ofício uma âncora que a prendesse a sua terra natal.

O presente artigo propõe, então, uma análise das crônicas de Dinah Silveira vocalizadas na rádio, em que se observará nos temas e na narrativa traços de um feminino que rompe com paradigmas anteriores e a necessidade de pertencimento a uma identidade nacional.

2- Uma mistura de jornalismo e literatura

A crônica se distingue dos folhetins em linguagem e técnica de produção. Baseada em acontecimentos do cotidiano da cidade, ela não está ancorada na estratégia usada por Sheherazade³ de ‘As Mil e uma noites’, que recorre à ficção para não ser morta por seu marido, o sultão persa Schariar. A crônica sobrevive sem precisar dos ganchos de tensão, próprios das telenovelas e radionovelas. Pode comentar os fatos noticiados e ainda incluir um personagem fictício, misturando jornalismo e ficção. Muitas vezes, o mesmo personagem retorna em outra história daquele mesmo autor, vivendo outra situação e criando uma familiaridade com o público.

O tom coloquial da crônica a faz se assemelhar a uma conversa entre o narrador e seu público leitor, em um encontro diário, que dura apenas as 24 horas do dia em que a edição foi publicada, mas que deve se tornar imortal na história da sociedade, pelo que carrega de informação e registro histórico.

³ Todas as noites, Sheherazade conta ao sultão parte de uma história instigante, criando suspense sobre o fim da trama, como os capítulos de uma novela que nunca chega ao fim. Assim, curioso para conhecer o desfecho, Schariar adia a execução da mulher.

Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço de que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural. (SÁ: 2005, p. 7 e 8)

Assim, o cronista produz seu texto no ritmo e nos limites da indústria jornalística, limites de tempo para produção, de durabilidade do texto, de espaço nas páginas dos jornais e de adequação vocabular e temática voltada para seu público alvo. Tais características fazem a crônica ser considerada um gênero menor, inserindo-a, por vezes, em um lugar marginal no âmbito do cânone.

Apesar disso, as crônicas e os folhetins eram escritos na imprensa, a partir de meados do século XIX, por literatos que, diante das dificuldades encontradas para terem seus textos impressos em livros, buscaram espaço nos jornais. Afinal, precisavam de notoriedade e também de dinheiro para o sustento.

A crônica não nasceu como gênero literário, uma vez que os textos começaram a ser produzidos em escala industrial na imprensa. As relações industriais da virada do século XIX para o XX contribuíram para o declínio do que Werneck Sodré (1977) chama de “boemia literária” no jornalismo e impuseram mudanças no modo de produ o da imprensa. Os literatos continuaram escrevendo para os jornais, mas tiveram que mudar sua produ o, adaptando-a   indústria jornalística:

Aos homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colabora es assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condi es de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias. (WERNECK SODRÉ: 1977, p. 339).

Na década de 50, seguindo a lógica da concorrência econ mica, a notícia foi convertida em produto e formatada segundo a estrutura norte-americana, da pirâmide invertida⁴, com abertura direta, frases curtas e objetivas. Nesta estrutura, adotada pelos jornais como fórmula até hoje, a notícia não é contada de forma linear: o jornalista elege o fato mais importante da história, ou mais espetacular, para a abertura da reportagem (*lead*), e as histórias costumam ser contadas começando por seu desfecho.

⁴ Técnica jornalística, trazida dos Estados Unidos, na década de 50, por um grupo de jornalistas do jornal Diário Carioca, em que as informa es mais relevantes devem ser apresentadas logo na abertura da reportagem (no lide), sendo seguidas de outras, em ordem decrescente de importância.

Nem esta característica do novo jornalismo fugiu ao olhar do cronista. Como afirma Rubem Braga, em um texto de 1951, “[...] os jornais noticiam tudo, tudo, menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida ...” (SÁ: 2005, p. 18). Dando, então, notícia da vida, a crônica sobreviveu como gênero, unindo jornalismo e literatura, com seu registro circunstancial e sua linguagem coloquial. “A sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito” (Id. p. 11). Esta característica aproxima, segundo o autor, a linguagem escrita à oralidade.

3- A crônica nas ondas do rádio

Na programação das rádios, a crônica foi inserida sem grandes adaptações para o novo meio. Com texto coloquial, próximo à conversa, e tratando de temas sobre o cotidiano, o gênero foi incorporado ao rádio e depois à TV. O que chama a atenção é que, no rádio, o texto precisa ter características próprias, como ritmo e sonoridade, e é escrito para ser lido de forma técnica (também conhecida pelo termo vocalização) por outra pessoa, com entonações próprias e interpretação. As notas jornalísticas, por exemplo, têm técnica de redação que garantem o ritmo e a clareza no momento da leitura.

A crônica é contada no rádio no momento em que a sociedade testemunha a disseminação de uma cultura de massa e experimenta um processo de urbanização acelerado, em que a competição e o deslocamento para os grandes centros mudaram as formas de relacionamento entre as pessoas (COSTA: 2002, p.66). Como afirma a pesquisadora, “a cultura de massa representava uma pausa nesse confronto, não só por sua ideologia massificante e pela catarse própria do entretenimento, mas por resgatar práticas comunicativas ancestrais” (Id. p. 66). Assim, as crônicas no rádio podem remeter à tradição da história que é contada ao redor de uma lareira por comerciantes que viajavam vendendo suas mercadorias ou mesmo daquela que é cantarolada pela mãe, que faz o filho dormir à noite.

Essa oralidade auxilia não só a compreensão do texto como a *performance* do contador de história, já que a leitura coletiva e em voz alta era o ritual mais conhecido dos primórdios da literatura escrita, o que explica também certo tom retórico das expressões e até o ritmo narrativo. Estudiosos da leitura percebem nesses contos a alternância de momentos rápidos e lentos, como se o autor (ou autores), prevendo o ritual da leitura, estivesse ajudando o leitor em sua tarefa. (COSTA: 2002, p. 34)

A locução das crônicas no rádio, em que o locutor conta uma história vivida, uma experiência, nos traz a figura do narrador descrita por Walter Benjamin, não apenas daquele que viaja e chega com novidades para contar, mas também daquele que nunca saiu de seu país e é referência em sua comunidade, por conhecer “suas histórias e tradições” (BENJAMIN: 1994, p. 198-199). “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Id. p. 201).

4– Notícias do cotidiano nas crônicas de Dinah

As crônicas escritas por Dinah Silveira eram contadas no rádio na voz masculina do locutor, e até este detalhe ela faz questão de frisar em um de seus textos, no programa Café da Manhã, da Rádio Nacional. A noção de que ela, autora, é a ideia, feminina, e que a voz masculina é o corpo, que ela chega a chamar de médium, em referência à espiritualidade, tema recorrente em seus textos. Na crônica de apresentação do programa, veiculada na Rádio Nacional, a autora refere-se ao locutor como “a voz de meu médium mal habituado com este espírito de mulher”, o compara aos “cavalos da macumba” e define a função de cada um na transmissão do texto: “Eu, apenas uma idéia, uma chama. Ele, a voz, este misterioso corpo do pensamento humano”.

A informação de que a autora escrevia suas crônicas mesmo morando fora do país chama a atenção. Dinah não escrevia como o correspondente internacional, contando para a sua gente o que se passa no país estrangeiro. Ao contrário, a autora se voltava para o seu país de origem para criar nele o cenário de suas histórias, como que para não perder a sensação de pertencimento a sua terra natal. Dinah não atraía seu público, então, com um olhar de estranhamento em relação a outra cultura, mas com uma tentativa de identificação, de criação de um elo comum, que a autorizava a comentar notícias que tiveram pouco espaço nos jornais ou a criar histórias ambientadas no Brasil.

Como afirma Stuart Hall, “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, p. 50). Com base no exposto, é possível detectar nas crônicas de Dinah cenários já consolidados no imaginário do brasileiro, como a cidade do Rio de Janeiro em pleno Carnaval, que ela utiliza para ambientar suas histórias e criar um elo de identificação com seu ouvinte.

As crônicas apresentam histórias envolvendo algum personagem e, não raro, a autora frisa que são notícias que não tiveram destaque por falta de espaço nos jornais, como acontece em “O Paraíso de Dorothy”, que começa da seguinte forma:

“Foram tantas as notícias depois do Carnaval, que quase não houve lugar para o caso de Dorothy. Celebra hoje a cronista a aventura dessa radiosa viagem da turista americana. Pela lacônica informação do jornal, soube que Dorothy tinha mais de sessenta anos, e que chegara com aquele bando sequioso de alegria, meio ingênuo, de turistas de navio de luxo. Não houve um retrato de Dorothy. Mas juro como sei descreve-la.” (Quadrante 2, 1963, p. 181)

A partir do que não foi contado na notícia de jornal, a cronista apresenta sua personagem, ficcionalizando uma tragédia vivida pela turista, que morre de síncope cardíaca na madrugada da Quarta-feira de Cinzas. Dessa forma, as crônicas de Dinah são ancoradas no noticiário mas apresentam um olhar sobre uma história de vida, sobre algo acontecido com um anônimo.

O desejo de contar sua própria história de vida ou de consumir a experiência alheia pode ser entendido no contexto da pós-modernidade, em que o sujeito vive um descentramento, uma multiplicidade de identidades. Esta sensação de fragmentação cria um desejo de ordenação da vida, de orientação, um desejo que pode ser saciado em parte por estes produtos de cunho biográfico.

Como afirma Stuart Hall (2002, p. 39), “psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude”. Neste contexto, estas narrativas sobre o que aconteceu a um personagem, mesmo que anônimo, se tornam referências importantes, a partir das quais o sujeito contemporâneo pode organizar sua realidade e construir, mesmo que de forma temporária, um discurso que cristalize naquele momento uma identidade.

5- Personagens femininas – registro ou antecipação?

As crônicas de Dinah Silveira, veiculadas na década de 60, na rádio, apresentam experiências vividas por personagens inseridas no contexto de mudança de comportamento, de fuga do previsível. Apresenta imagens de um feminino peculiar, em que as personagens têm atitudes surpreendentes, que fogem aos estereótipos da mulher pacata, conformada ou santa.

A crônica “Orgia”, por exemplo, conta a história de uma dona de casa que acordava antes das 4h da manhã para enfrentar a fila do leite. Fazia questão de ir ela própria, ao invés de mandar a empregada, e para isso reservava vestidos e sapatos apropriados. O suspense se mantém até que a cronista conta que, por acaso, passou pela fila da leiteria. É ela quem revela o atrativo daquele ritual:

“Uma espessa, íntima união estava naquela fila da leiteria. Encostava-se a dona molemente, um pouco tonta ainda de sono, à árvore. Uma vizinha contava qualquer coisa. Ela ria, um riso ainda com resto de lençol, de travesseiro fofo. (...) Era uma fila limpa, perfumada a dentifrício, a roupa fresca plena de comodidades caseiras. (...) Um homem largava seus recalques cantando, do outro lado da rua. Nunca aquele homem cantaria assim em casa. A rua da madrugada era a rua das ousadias”. (Quadrante 1, p. 86)

O destino da filha da lavadeira também surpreende na crônica “Olhos Baixos”. A descrição da moça, no início da história, cria uma expectativa que não se confirma no fim: “Modesta era a sua atitude. Olhos baixos, cabelos crespos, o fino rosto lavado e liso, moreno e luzido como madeira polida”. Aos 16 anos, a menina casou-se com um rapaz para, dez dias depois, fugir com um homem casado, que já a cortejava anteriormente.

A autora conta a história e se insere nela, como alguém que estava passando naquele momento ou que soube do acontecido por um dos personagens. É uma forma de encurtar a distância entre o ouvinte e o fato, de torná-lo testemunha do que está sendo contado. Como afirma Jorge de Sá (2005), o cronista desenvolve a capacidade de captar no dia-a-dia aquilo que o leitor/ouvinte deixa escapar. Trata-se do lirismo reflexivo presente nas crônicas de Rubem Braga.

Sua tarefa, então, consiste em ser o nosso porta-voz, o intérprete aparelhado para nos devolver aquilo que a realidade não gratificante sufocou: a consciência de que o lirismo no mundo de hoje não pode ser a simples expressão de uma dor-de-cotovelo, mas acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão (SÁ: 2005, p.12-13)

O levantamento desses temas tratados nas crônicas de Dinah Silveira faz parte do painel de uma época, em um diálogo com as notícias daquele período histórico, e ainda esses traços, essas emoções que o jornal não noticia, mas que são também retratos de uma sociedade, suas angústias, suas alegrias.

Sem o apelo das imagens, o rádio contou, entretanto, com outras vantagens excepcionais na sua forma de comunicação: a possibilidade de entrar nas residências; estabelecer uma grade horária; criar uma relação diária e próxima com o ouvinte e ser aparentemente gratuito. Tinha também a vantagem, sobre o jornal impresso, de atingir indistintivamente alfabetizados e analfabetos” (COSTA: 2002, p. 64).

As personagens de Dinah Silveira não protagonizam simplesmente uma dor-de-cotovelo. Pelo contrário, são mulheres cujas atitudes são um convite à reflexão. Como a dona-de-casa que não abre mão de ir à leiteria, em um momento só seu, ou a filha da lavadeira que, com apenas 16 anos, se casa só para se libertar da mãe e foge com um homem casado, ou a moça da crônica “A Namorada”, que tratou de forma fria o fim de seu namoro, hostilizando o rapaz que insistia por um beijo de despedida: “Quem é que não beija a teste do morto?”, responde ela, na frente de outras pessoas que esperavam o elevador.

Nesta crônica, também pode ser detectada a sensação de liberdade experimentada pela personagem feminina, assim como nas histórias já citadas: “No segundo andar, a pequena tirou a capa, libertou os cabelos castanhos. Dobrou o agasalho no braço, remexeu na bolsa, tirou o batom, pintou a boca pálida (...)”.

Estas crônicas fazem sucesso no rádio no momento em que a sociedade vive mudanças de paradigmas, em que antigas certezas são questionadas. Trata-se da “profunda revolução de costumes operada nos anos 60”, em que “cresce o movimento das mulheres por uma nova moral sexual e por igualdade de direitos aliada ao respeito à diferença”, como afirma Eduardo de Assis Duarte, em “Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso”.

No feminismo, pensamento e ação juntam-se com vistas à construção de uma presença cada vez maior da mulher no espaço público, à denúncia da hegemonia masculina, à revisão dos papéis tradicionais de homem e de mulher, ao abalo da moral patriarcal. Até que ponto as demandas feministas pavimentam o caminho da desconstrução? (DUARTE, p. 14).

Mas a autora não apresenta o feminino apenas nas personagens. Sua forma de narrar cria imagens carregadas de sensualidade, que remetem o ouvinte a um universo feminino. Um forte exemplo é a crônica “Casa para alugar”, em que descreve o imóvel aberto a visitação, transformando-o em personagem central da história. Dinah fala da casa vazia que está a espera de seus inquilinos e a compara a uma noiva pura que a qualquer momento será ocupada, invadida, mobiliada.

“Estava toda escancarada para um sol que lampejava enviesado, desconcertando pelo seu absurdo de má pintura. Já era quase noite num canto do céu. E havia um rasgão azul cintilante, feito para clarear a casinha, que se oferecia, toda branca e nova, para quem quisesse e pudesse”.

Dinah se insere também nesta crônica, contando, em primeira pessoa, que foi visitar a casa e que gostou de vê-la desalugada. Para passar esta mesma sensação a seus ouvintes, ela descreve como seria esta mesma casa após a ocupação dos inquilinos: “haverá um filho estudando, brigas sobre o horário do almoço, objetos perdidos na mudança, e o martirologio da dona de casa entoadado por ela própria, sem que ninguém se importe com seu drama”.

O cenário previsto e descrito pela autora é criado com imagens da rotina feminina, daquela dona de casa que vive uma rotina atribulada. É uma crônica que mexe intimamente com o universo feminino, em um momento em que este universo estava sendo repensado.

6 – Considerações finais

As crônicas de Dinah Silveira, escritas para serem lidas no rádio, na década de 60, não são apenas “colaborações” da autora para o programa Quadrante, da Rádio MEC. São muito mais que isso. Diante de uma obra já consolidada, com romances premiados, as crônicas acabam sendo vistas como algo menos relevante. Mas o que se observa é que estes textos, pouco divulgados e guardados em arquivos, carregam elementos históricos de uma época em que a sociedade viveu um repensar de hábitos e rotinas. São registros jornalísticos do cotidiano, comentários sobre o que foi e também sobre o que não foi publicado nos jornais.

Retomando o que foi apresentado neste trabalho, as crônicas fazem parte da história do jornalismo e também da literatura, e, apesar disso, foram, por muito tempo, deixadas de lado por estes dois campos de saber. Na Comunicação Social, o rádio também não é o veículo com maior prestígio, apesar de reconhecido alcance e poder de alcance, tendo sido deixado à margem nos estudos acadêmicos, perdendo espaço para análises sobre a televisão e, atualmente, as novas mídias.

Neste contexto, é um desafio lançar agora os holofotes sobre estas crônicas feitas para serem veiculadas no rádio. O desafio se torna maior ainda quando se pensa na imagem feminina projetada por esta literatura de ouvido, veiculada em uma década de grandes

questionamentos, em que se colocava em xeque o papel da mulher e sua participação no espaço público, e seu comportamento diante do universo masculino, até então hegemônico.

Estes questionamentos, inseridos na crise de paradigmas, vivida na pós-modernidade, estão presentes nas crônicas da autora, que apresenta aos ouvintes um feminino repensado, que quebra o estereótipo da mulher conformada. É interessante frisar que Dinah cria personagens com base ainda na rotina feminina daquela época, e muitas vezes apresentou de forma alegórica e antecipada uma imagem da mulher que ainda não estava tão nítida para a sociedade. Ela não está apresentando uma moça rebelde, cheia de tatuagens, que enfrenta a mãe, mas a filha da lavadeira, de “olhos baixos” e atitudes modestas, que resolve fugir com o homem que ama.

As mulheres que protagonizam suas crônicas são pessoas comuns, que vivem uma rotina e são descritas de uma forma que cria identificação em suas ouvintes. O que surpreende é a atitude de cada uma frente a um obstáculo, em busca de sua realização pessoal. Assim, a autora apresentou para suas ouvintes e registrou, com base também no que não foi noticiado, fragmentos de vida possíveis de serem vividos pelas mulheres no momento em que se abria, na sociedade, espaço para o debate destas possibilidades.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Individualidade. In: **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**, in Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. (et al.) **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CARR, E. H. **Que é história?** Tradução de Lúcia Maurício de Alverga. 7ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1996

COSTA, Cristina. **Ficção, Comunicação e Mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2002

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Mídia, Memória e Celebidades: Estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990

LUHMANN, Niklas. **La realidad de los medios de masas**. México: Universidad Iberoamericana: Anthropos, 1998.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MEDITSCH, Eduardo. **A rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Coimbra: Minerva Editora, 1999.

QUADRANTE 1, crônicas. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962

QUADRANTE 2, crônicas. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963

QUEIROZ, Dinah Silveira de. **Café da Manhã**. Rio de Janeiro: Olivé Editor, 1969.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. **Seleção de Dinah Silveira de Queiroz**. Apresentação e notas da prof^a Bella Jozef. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1969.

RESENDE, Beatriz (org). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história, In: **Mídia, memória e celebridades: Estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2005.

SAROLDI, Luiz Carlos e MOREIRA, Sonia Regina. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.